

VANDERLI PEREIRA: O coordenador todo o pessoal presente, eu acho assim, eu vou falar de uma realidade diferente, porque quem vai falar a lei por alto que existe uma cidade do interior, porque tem cidade do nosso Estado que tem uma realidade é um pouco diferente em cada Estado. Eu sou de Tombos, o meu nome é Vanderli, eu agradeço o convite de estar aqui e falar um pouco da realidade dos trabalhadores rurais, da situação que vivemos da década de 70, 60 que eu na verdade me recordo de algumas coisas do meio rural, na nossa região. Que a partir da década de 70 e tem três coisas na vida que me marcou quando eu comecei, a primeira vez foi uma aplicação na sede que começou lá em 1970. Na década de 80 teve um movimento sindical e depois fez parte das organizações políticas, eu fui vereador por 03 mandatos na minha cidade. E a cidade entregou no meio rural, pequena cidade com uma realidade um pouco diferente, que a gente viu que uma cidade como Juiz de Fora, alguma cidade maior que tem aí as universidades, tem os professores, grandes empresas, e pequenas empresas também, mas é que são pessoas mais interessadas. E nós no meio rural principalmente, porque nós vivemos a tortura é da desinformação, porque, na verdade, nenhum de nós naquela cidade tivemos a oportunidade até aí década de 80 e 90 de estudar. Apenas quando chegavam na quarta série. E com a desinformação para o meio rural, não levava a termo talvez uma ação, um empenho como muitos depoimentos que a gente viu que é importante, que o conhecimento leva você a ingressar e tomar posições que às vezes incomodam alguns setores da sociedade. Então, nós estamos começando na década de 70, em nome de Sepes na fazenda e todas as pequenas cidades, não todas iguais, mas o domínio dos coronéis, daqueles que mandam. Quem tinha a oportunidade de estudar era o filho daquele que tinha o poder, que tinha algum dinheiro para manter o filho na universidade. Até quando falava numa universidade para nós no meio rural lá no interior, a gente achava que era uma coisa tão distante. Igual a participação da Sepes, do movimento, foi levando a se conscientizar e foi convivendo com a realidade nas fazendas. Ele fala Zona da Mata, é uma região de agro propriedade. Mas, na década de 70 e de até 80 ela não era tão pequena propriedade, era média propriedade de 1500 hectares de terra, 2.000 hectares de terra e ainda tinha bastante. Mas, lá na cidade tinha pelo menos 8 propriedades e ela era uma propriedade de quase 80% das propriedades. Propriedades de

1500 hectares de terra, 1000 a 1500 hectares de terra. E nessas propriedades a gente fazia um trabalho de conscientização das comunidades rurais de base, a gente convivia com situações por não ter conhecimento até da reação, porque o domínio da pequena cidade, o delegado era aquele que era indicado. O indicado que o prefeito era indicado e depois vinha o delegado indicado da cidade dele. Então, quando você tinha uma, qualquer reação de um trabalhador com o dono naquelas fazendas quem ia fazer a reunião? Fazia uma repressão psicológica? Era o delegado. Então isso a gente conviveu, a gente fazia um trabalho comunitário com essa realidade e até agradeço a Fernanda pela oportunidade de estar aqui, e a gente falou ela tem 85 bichos. Foi agora, não é? Foi 85 e a gente ia lá e ele acompanhava nas comunidades fazendo o trabalho, vendo o trabalhador na área do patrão, que está muito longe, parecia que tinha lá, tinha dois escravos, isso aconteceu. Então, isso acontecia em muitas cidades. Então, a partir do nosso trabalho que é um povo diferente, algumas diferenças que a gente viu, a gente começou a perceber que a nossa ação da nossa fé, aquele trabalho ali de formação, eles tinham que fazer uma libertação de alguém. E a libertação que eles tinham que fazer é defender aquelas pessoas de um salário mínimo, de direito a voz, não se tira uma férias, sem o décimo terceiro. E no final ele trabalhava dois dias por semana de graça para o patrão, que já não estava dando saúde para ele. E ele trabalhava lá no final de semana, matava a vaca ou o boi e dava a ossada para eles comerem para fazer sopa e não via carne. Então, essa é a realidade. Então assim, vivemos uma realidade pensando o quê? Vamos fazer uma ação prática? E aqui tem pessoas, vivendo nesses anos que postulou com a gente naquele período. Marília está aí, foi advogada lá por um bom período para a frente, e a gente criou o Sindicato dos Trabalhadores Rurais que tinha o o sindicato do patrão, e tinha o sindicato em algumas cidades da Zona da Mata. Mas criado no estilo pelego talvez para acobertar aquilo que o patrão fazia de repressão nos trabalhadores. Então, nós começamos. Criamos primeiro o Sindicato de Tombos. Criamos Muriaé. Aí fomos, Miradouro, Vieiras, Firmino, fomos e fomos criamos em bloco. Então a partir dali, o quê que era a nossa grande ação? Defender os trabalhadores, eles não tinham vez, eles não tinham voz, não poderiam falar, e porque estavam distantes. Distantes do conhecimento que era para reagir. E a partir dali nós

começamos a ser perseguidos, muitas ameaças, medo, muito medo, muitos produtores e quem tinha e trabalhava na fazenda sendo despejados das propriedades. E nós aí começamos. Miradouro foi a primeira cidade. Então o presidente do Sindicato de Miradouro, ele não mora lá nunca mais, foi em 87, 88 que ele foi ameaçado de morte e foi na minha naquela grande pico da UDR não é? Que no campo ele ia fazendo força e lutava contra os trabalhadores e nós até assim, eu vejo a Suzana, a primeira coisa que eu vi ali e falei com ela. Um dia nós percebemos o quê que tramavam contra a gente, a Suzana vestiu como uma grande fazendeira e entrou dentro da reunião na UDR lá em Tombos. E isso para a gente saber de fato o quê que estava montando? Porque todos os dias eles falava: “eu vou matar vocês.” Vai dar tiro e com isso ele começou a dar tiro na gente na estrada, por sorte ele não era muito bom, era muito ruim, que não matou ninguém não é? Então, a gente viveu um bom período na década de 86, 87 até 88, um período de muita repressão no meio rural. E a partir dali que a gente foi, onde nós fizemos uma outra ação (ininteligível) paga pelos poderosos, as pessoas que dominam o poder, que incomoda é quando aqueles trabalhadores rurais que só votavam onde o patrão mandava, nós resolvemos engajar no partido político também. Aí é que a coisa piorou. Aí a repressão foi muito grande na região toda onde a gente trabalhava. Que eram todos os sindicatos de pequenas cidades e então, Tombos, aí a gente começou. Três meses eles tentaram tirar nós, encostavam a arma para matar e aí foi eu que era a vítima e era o presidente do sindicato na atualidade, fui de, fundador em 84 e saí em 92, quando eles tinham vereador. Então, naquele período a gente viu um sofrimento muito grande, é muito difícil, a família sofreu, os filhos sofriam na escola, e nós abraçamos na rua com o intuito de fazer a defesa de fato dos trabalhadores, é o que nós fizemos na área rural. E a tristeza maior para nós, que fazia parte da informação, que qualquer pessoa que tinha um pedacinho de terra e não dava para ele, a família dele comer e leva a cabeça no patrão, que era a formação que tinha não é? Então assim, naquela época falar assim, morria trabalhadores, não dá para saber. A mesma coisa falando da atualidade hoje. Quando você ver uma pessoa jogando veneno para todo lado, matando a terra, matando os bichos, matando o ser humano, quando ele chega no hospital, qual o laudo que o médico dá? Aí de fato, é ataque cardíaco, é, o problema é renal, mas nunca fala

que o veneno matou. Muita morte pode ter acontecido no meio rural que nunca detectou que foi uma ameaça, uma repressão. Alguns de nós consegue saber que era, quando falava e tinha um depoimento de vizinho, que foi morto pelo administrador. Então assim, muita coisa acontecia. Então, quando foi em 81 e a partir de 87, 88 quando a ameaça apertou muito, então a gente fomos tirar uma ação e fazer uma ação diferente, porque não dava para todo mundo ir embora, um presidente de sindicato que lutava pelos direitos dos trabalhadores fosse embora e ele achasse a classe para lá? Então, a gente fez um ato, teve um ato e entregamos para todas as autoridades. Todas as vezes que nós tivemos que mostrar que tinha ameaça de morte, nós íamos no fórum e fazia na delegacia e fazia um registro. Nunca foi um inquérito a frente, nunca foi. Porque na pequena cidade quem domina, infelizmente é o poder político. Falava que tinha uma faculdade na fábrica de noite, muito fora do Poder Judiciário. Então, o que aconteceu? A gente fez um ato, com várias lideranças. Fizemos e documentamos. Juntamos documentação e entregamos a todas as autoridades municipal, fizemos uma coletiva em Belo Horizonte. Na época foi uma pessoa que a gente tinha uma admiração, foi um deputado estadual que deu um apoio pra gente, chamava Romessias, não é? Eu tenho muito saudade que as pessoas que contribuíram naquele momento difícil da vida da gente, a gente acha super importante que outra pessoa conta o mesmo suporte da área de um deputado federal de Juiz de Fora também e depois eu nunca pude imaginar. Então, fizemos delação e o quê que aconteceu? Mandamos o documento para Brasília. Aí que chegou, por exemplo, aquele que me ameaçava, que falava que matava e de fato fez várias ameaças de morte, eu fiquei 60 dias na mão da Polícia Federal. Fiquei praticamente a minha família que sofreu, porque eu não podia entrar, eu não podia sair da cidade, não podia ir em lugar nenhum, em lugar que ia tinha uma mulher na toca, coisa mais constrangedora do mundo, você não ter liberdade para falar em lugar nenhum. Mas foi um bem que aconteceu, que a partir dessa década que aconteceu no final de 80, então isso no mais é perseguição. A cidade assustou porque para as pessoas que dominavam o poder, uma pessoa do campo, fica uma pessoa que não tinha força, não existia e não tinha voz para nada. Quando nós tivemos o poder de fazer uma mobilização para que a Polícia Federal viesse, então a Região acalmou, toda a repressão a partir de 92. Então, assim existe. Eles

não tem o depoimento que eu tenho, da realidade eu não gosto muito de autorização, porque eu gosto de vir falar de coisa boa, por exemplo, daquelas ações bonitas não é? Então eu acho que quando eu falo seis coisas que marcou a minha vida, que para mim eu não abro mão delas, primeiro é estar nas comunidades, que gera consciência com uma ação muito forte na região, eu acho que vários setores que foi a igreja, a partir da sede. A outra coisa é participar dos movimentos sociais, porque o sindicato é aonde que defende de fato aquele que precisa ser defendido, porque quando eu ia no fórum, foi na década de 84,80 e 84 mais ou menos, 82 a 84, a mão ia nas fazendas, os trabalhadores foram expulsos. Fazenda tinha, 100, 200 pessoas. O advogado do patrão, eu e o advogado do trabalhador. Com as crises, foi uma ameaça. Então aí nós tivemos uma reação muito forte, porque teve tentativa de morte. Então eu fiquei 60 dias na prisão, para mim foi uma experiência de vida muito assim, muito ruim, muito difícil que eu passei naquele momento, mas depois fiz assim, agradeço que pelo menos depois disso aí, passou a ter um pouco de respeito pelas pessoas da gente. Então, a gente nesse período, quando foi eleito vereador, a primeira ação que eu tive lá na Câmara, quando chegou o orçamento na Câmara, que o aluguel do juiz, do promotor, do delegado era pago pelo estatuto do funcionário público e até suplemento era retirado. Daí eu tive um abuso de ação dentro do sindicato. Que inclusive o advogado que foi está na luta aí, fizeram uma baderna no sindicato como repressão. Então, assim, nós tivemos que ter cuidado, não custa lembrar essa história mineira que a gente tem que pensar o passado não voltar a cair no futuro. Então, eu acho que a gente tem que quando tudo isso aconteceu, mesmo eu já pegando mais no final, eu não sou como vocês que pegaram aquele fio da ditadura, que foi muito pior que depois, mas a gente olha, usa uniformes, estrada, quero agradecer a todo momento pela nossa vida e a gente tem que ter cuidado e abrir os olhos e pensar que isso não daquela forma, ela vem de outra forma. A mesma coisa é pensar que não esteja com o coração pronto, ainda não é a relação que ele era, a gente conhecia quem era o nosso adversário e os nossos perseguidores. E hoje os perseguidores às vezes está dentro da casa da gente. Na casa da gente dentro de constituir um princípio. E de forma, falando da nossa vida e agora querendo voltar, isso que nós vimos em depoimento aqui e o que a gente passou no movimento sindical. Muito obrigado.

ROBSON SÁVIO: Muito obrigado ao Vanderli Pereira e uma das, digamos assim, das ações que a Comissão da Verdade aqui em Minas Gerais é, estar envidando muitos esforços é que nós somos um município com, um Estado com 853 municípios não é? E por uma série de circunstâncias, a narrativa sobre esse período, principalmente da ditadura militar sempre foi uma narrativa muito urbana, voltada pelos movimentos urbanos. E claro, foi também os principais sempre foram urbanos. E o que nós percebemos é que houve muita coisa no campo, nas cidades pequenas, no campo, no interior. Não somente ação de agentes públicos que fazem parte do sistema mais amplo, mas inclusive também agências do Estado, agências públicas que provocaram uma série de violações nos direitos do trabalhador. Então, um dos avanços que a nossa comissão, eu acho poderá fazer em relação a outras comissões da verdade.